

MEMÓRIA DISCURSIVA NA CAMPANHA FEMINISTA #ELENÃO

Sidnay Fernandes dos Santos Silva¹

Nesta pesquisa, analiso textos que circularam no interior da campanha feminista #EleNão, no período que antecedeu as eleições presidenciais brasileiras de 2018, a partir do referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso de orientação francesa, com ênfase nos conceitos interdiscurso (Pêcheux) e memória discursiva (Courtine). Essa campanha começou no *Facebook*, por meio da criação do grupo denominado “Mulheres unidas contra Bolsonaro”. Esse grupo foi fundado em 30 de agosto de 2018 pela publicitária Ludmilla Teixeira e pela empresária Rosa Lima, com o objetivo de mobilizar mulheres, em atos e passeatas, contra o candidato a presidente pelo PSL, Jair Bolsonaro². Foram criados também uma página no *Facebook* e um *blog* com o mesmo nome do grupo. A maior manifestação política feminina do Brasil foi idealizada por este grupo e ocorreu nas ruas de várias cidades brasileiras no dia 29 de setembro de 2018. A partir desses acontecimentos, interpreto como a memória é atualizada em materialidades discursivas postas a circular por conta da rejeição/negação (não, nunca, jamais) de mulheres eleitoras a um candidato à presidência da República.

Para dar conta dessa proposta, a constituição do *corpus* se deu pela perspectiva arquivística (FUCHS & PÊCHEUX, 1975) e o ciberespaço é tomado como arquivo de leitura ou como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, 1994, p. 57). Nesse movimento, organizo o material analítico tendo em vista três acontecimentos discursivos: i) a campanha #EuNãoMereçoSerEstuprada (2014); ii) o episódio de agressão verbal de Jair Bolsonaro contra a deputada federal Maria do Rosário (2003; 2014); iii) a campanha feminista #EleNão (2018).

As discussões primeiras deste estudo abordam as condições de produção que possibilitaram a emergência do enunciado #EleNão e da forte adesão de muitos sujeitos discursivos (não só mulheres) a este dizer, colocando-o, num curto período temporal, em intensa circulação em variados suportes materiais e, conseqüentemente, atribuindo-lhe grande poder de enunciabilidade.

No plano interdiscursivo, considero a pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre a violência contra as mulheres e divulgada em 27 de março de 2014. O resultado da pesquisa mostrou que “58,5% dos entrevistados concordam totalmente (35,3%) ou parcialmente (23,2%) com a frase ‘Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros’”; mostrou também que “65,1% concordam inteiramente (42,7%) ou parcialmente (22,4%) com a frase ‘Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas’, enquanto 24% discordam totalmente, 8,4%

¹ Doutora e Mestre em Linguística (UFSCar). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), DCH/Campus VI.

² Informações disponíveis em: <https://exame.abril.com.br/brasil/mulheres-unidas-contra-bolsonaro-tem-1-milhao-de-membros-no-facebook/>. Acesso: 22 maio 2019.

discordam parcialmente e 2,5% se dizem neutros”³. Assim que o resultado da pesquisa foi divulgado (um dia após), surge uma campanha nas redes sociais utilizando a *hashtag* #EuNãoMereçoSerEstuprada, que consistia na postagem de fotografias de bustos de mulheres seminuas, segurando um cartaz com os dizeres da referida *hashtag*.

Figura 01 - Campanha #EuNãoMereçoSerEstuprada⁴



No dia 04 de abril deste ano (2014), o IPEA reconhece que houve erro “causado pela troca dos gráficos relativos aos percentuais das respostas às frases Mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar e Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”⁵. Após retificação do erro, os dados corretos são 26% e não 65% os que apoiam ataques a mulheres. Mesmo assim, o próprio IPEA admite que o erro não muda a necessidade de se debater a temática no Brasil.

O advérbio de negação “não” e o verbo “merecer”, ainda em 2014, aparecem no enunciado formulado pelo deputado Jair Bolsonaro e direcionado à colega Maria do Rosário: “Eu não te estupro porque você não merece”. Nesse episódio, um sujeito discursivo do sexo masculino retoma signos verbais já ditos antes por ele mesmo e atualiza sentidos de agressão a uma mulher. Esse dizer do deputado federal, registrado em vídeo, teve muita repercussão na imprensa e nas redes sociais. Mulheres, principalmente, formulam e colocam em circulação vários textos verbo-imagéticos, pelos quais respondem ao deputado (e aos discursos machistas): “Eu não mereço ser estuprada” ou “Ninguém merece ser estuprado/a”.

No ano de 2018, o deputado Jair Bolsonaro se candidata à Presidência da República e as pesquisas indicam alta rejeição pelo eleitorado feminino: “Cresce a rejeição das mulheres a Jair

³ Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&ordering=3&limitstart=12080&limit=10. Acesso: 10 maio 2019.

⁴ Disponível em: <https://limpinhoecheiroso.com/2014/04/02/eunaomerecoserestuprada-pesquisa-gera-revolta-e-populacao-reage-nas-redes-sociais/>. Acesso: 11 maio 2019

⁵ Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971.

Bolsonaro, aponta pesquisa Datafolha. O candidato do PSL é o que tem a maior disparidade entre o voto de homens e mulheres⁶ e, neste cenário pré-eleitoral, surge a campanha #EleNão. Uma das primeiras imagens que figuraram como foto de capa da página “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” foi esta:

Figura 02 - Imagem de capa da Página no Facebook em 16 set. 2018⁷



Esse texto ganhou grandes potencialidades enunciativas e, em muitas retomadas, novas formulações se apresentavam. Essa composição imagética - o ícone “proibido” em roxo sobre a fotografia do candidato em tons de preto e branco – é outro modo de dizer “Ele Não”. E esses elementos imagéticos, em processos de deriva, adquiriram relativa “autonomia textual” em muitas discursividades.

Novas formulações e (re) contextualizações desse enunciado verbal também circularam: #elenunca e #elejamais. Nessas formulações, permanece a junção do símbolo (cerquilha/jogo da velha) e do pronome da terceira pessoa do singular (masculino). Já o advérbio de negação “não”, em muitas textualidades, é permutado por “nunca” e “jamais”. Os sentidos deslizam, então, para uma negação mais intensa. E tais advérbios de negação/intensidade caracterizam signos de resistência ao “universo” patriarcal; atualiza-se, assim, já ditos antes e alhures.

Neste estudo, constata-se quão forte é a negação para atribuir a um dizer grandes potencialidades enunciativas. A negação funciona, em nosso *corpus*, como uma resposta a um discurso outro que precisa ser desautorizado; ela é um elemento linguístico que materializa sentidos de resistência produzidos em prol do “universo” feminino.

As condições de produção do enunciado #EleNão no ano de 2018 são aqui interpretadas pelas vias do domínio da memória/interdiscurso, do domínio da atualidade e do domínio de antecipação (COURTINE, 1981). Considerando os efeitos polissêmicos no âmbito da resistência feminina, arrisca-se, como resultado deste estudo, defender que #EleNão, em sintonia com a campanha #EuNãoMereçoSerEstuprada e com os acontecimentos discursivos de que ninguém merece ser estuprado/a (que emergiram por conta da agressão de Jair Bolsonaro contra a deputada federal Maria do Rosário), pode ser uma abreviação de #EleNãoMereceSerPresidente que funciona como uma

⁶ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/cresce-a-rejeicao-das-mulheres-a-jair-bolsonaro-aponta-pesquisa-datafolha-807n3rs1ni7pv4tt03y5yropl>. Acesso: 11 de maio de 2019.

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresUnidasContraBolsonaroOficial/photos/a.335072690398186/335072637064858/?type=3&theater>. Acesso: 11 maio 2019.



contraofensiva, como negação/rejeição não apenas a um sujeito presidente mas a uma prática machista e patriarcal.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J.J. *Analyse du discours politique*. Langages, n. 62. Disponível em: www.filo.uba.ar/contenidos/carreras/letras/catedras/linguistica. Acesso em 09 jun 2008.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios & procedimento*. São Paulo: Pontes, 2005.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). A propósito da Análise Automática do Discurso. In: GADET & HAK (org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (Org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 1994.